

Sobre a Cabala – Parte 4

Por Kadu Santoro

A Árvore da vida é o espelho da criação. É o sistema operacional do Universo, com suas forças atuando nas esferas visíveis e invisíveis, trazendo ao nosso mundo todas as potencialidades do Criador. O Livro *Sepher Yetzirah* nos demonstra como as várias combinações revelam as combinações do microcosmos, macrocosmos e do homem. Já o *Zohar* e seu complexo estudo sobre o livro de Moisés, a *Torah*, os Anjos, a natureza e os homens nos revelam o esplendor da Luz Divina.

A Cabala nos disponibiliza as ferramentas necessárias para o autodesenvolvimento do Ser através do autoconhecimento, ou seja, conhecer a nós mesmos corresponde a conhecer toda a dinâmica e práxis do universo, como estava escrito no Oráculo de Delphos: “Conhece-te a ti mesmo.”

Por séculos, chegando até os nossos dias, a Cabala continua sendo divulgada através de dois níveis distintos. O primeiro é no nível popular (Cabala popular), considerado como o círculo exterior (ex-otérico), onde apenas se busca benefícios temporários como prosperidade, portas abertas, oportunidades de vitórias e conquistas através de práticas “religiosas” juntas com magias e sortilégios, alimentando apenas o ego daqueles seres desejosos ainda pouco ou não despertados, que simpatizam com o ambiente de mistério e espiritualidade mas não mergulham a fundo. O segundo nível corresponde ao círculo interior (Es-otérico), onde é apresentada a Cabala em seu nível mais profundo, primordial, trabalhando com os arquétipos fundantes do universo e do Ser, voltada para aqueles que se encontram despertados, conscientes de que tudo aqui nesse mundo denso nada mais é do que ilusão (maya) e é tudo transitório e passageiro.

A representação na Torah desses dois níveis da Cabala é bem explícita na passagem de Esaú e Jacó, onde Esaú, diante da fome (desejos temporários movidos pelo ego), abre mão de sua primogenitura (essência espiritual imortal), ou seja, Jacó preferiu a melhor parte (Cabala Es-otérica primordial), lembrando da Água Viva que Jesus diz, que quem bebe dela não terá mais sede, ao contrário de Esaú, que foi movido apenas pelos desejos instintivos (Nefesh) abrindo mão do autoconhecimento, ficando escravizado pelos seus instintos sem evoluir, querendo apenas receber, enquanto a Cabala profunda fala o contrário, que devemos inverter as polaridades do desejo egoísta para o desejo de compartilhar, ou seja, o Cabalista maduro já não se compraz em buscar bênçãos, oportunidades e prosperidade para si, e sim, alcançado essas através do compartilhar altruísta, lembrando que nada nos pertence em definitivo, estamos aqui de passagem rumo a Luz e todo o resto é apenas por empréstimo para podermos cumprir o propósito maior que é nos tornarmos Um com o Criador.

Em síntese, os dois caminhos percorridos pela Cabala, tanto a popular quanto a primordial, fazem parte do processo, porém, para a Cabala, não podemos viver eternamente como crianças cheias de caprichos e vontades, precisamos despertar, fazer a metamorfose, deixar de ser uma lagarta desejosa e cheia de caprichos e tomar

coragem para ganhar as asas da liberdade simbolizada pela borboleta e assim alcançar vãos mais elevados rumo a Luz.

O propósito do meu trabalho, fruto de profunda pesquisa por quase trinta anos sobre o universo cabalístico, se resume em auxiliar as pessoas a despertarem dentro de si o discernimento sobre essas duas realidades, levando-lhes ao segundo nível da Cabala Profunda através do autoconhecimento promovendo uma transformação e uma reforma íntima genuína de forma a não ser mais apenas um na multidão dos que dormem e são guiados mecanicamente pelo ego.